A sinistralidade no sector da limpeza industrial em Portugal

Aplicação da metodologia EEAT

por José Miquel Cabeças, Ana Quinta e Ana Costa

RESUMO: O objectivo do estudo é descrever uma aplicação da metodologia EEAT – Estatísticas Europeias de Acidentes de Trabalho – na caracterização das causas e circunstâncias dos acidentes de trabalho em empresas de limpeza industrial, operando no sector dos serviços em Portugal, e ilustrar a sua aplicabilidade aos procedimentos correntes de gestão da Saúde e da Segurança do Trabalho no contexto empresarial. Para tal, recorreu-se a duas fontes de informação: o Balanço Social 2003 de 40 empresas de limpeza com mais de 100 trabalhadores (amostra com cerca de 73% dos trabalhadores do sector) e 927 boletins de participação de acidentes de trabalho às seguradoras em três grandes empresas de limpeza, relativas ao período 2001-2003 (amostra com cerca de 10% dos trabalhadores e cerca de 60% das participações anuais no sector). Foram caracterizadas as causas que conduziram ao acidente, ou seja ao contacto – modalidade da lesão, a natureza e gravidade das lesões e as consequências do acidente. No final são referidos procedimentos específicos de gestão no sentido da prevenção da sinistralidade e das doenças ocupacionais neste sector de actividades e abordados outros aspectos do contexto profissional que globalmente influenciam os seus níveis de produtividade e de segurança.

Palavras-chave: Limpezas, Acidentes, Sinistralidade, EEAT, Prevenção

TITLE: Accidents to cleaners in Portugal: An application of ESAW methodology

ABSTRACT: The aim of this study is to characterize accidents at Portuguese industrial cleaning companies, operating in the service sector and to illustrate the applicability of ESAW methodology to the regular OH&S management procedures. Two data sources were used: Annual Social Report 2003 ('Balanço Social') from 40 industrial cleaning companies with more than 100 employees (a sampling of ~73% of the employees in the sector) and 927 accidents participation documents to insurance companies from three large industrial cleaning companies for the period 2001-2003 (a sampling of ~10% of the employees and ~60% of the yearly accidents). The accidents at work were characterized with the ESAW methodology: in what circumstances and how the injuries came about, the contact – mode of injury, and concerning the nature and seriousness of the injuries and the consequences of the accident. In the end of the paper, considerations related to organizational control measures are referred. Socio-professional aspects of cleaners in Portugal are characterized and other global aspects that influence productivity and safety in the cleaning sector in Portugal are discussed.

Key words: Cleaners, Accidents, EEAT, ESAW, Incidence Rate, Control Measures

Estima-se que operem em Portugal cerca de 1 100 empresas de limpeza, empregando cerca de 42 500 empregados (Dun & Bradstreet, 2004). Tratam-se de empresas da secção K, Grupo 747 – Actividades de limpeza industrial, (CAE - Rev. 2), para as quais não se encontram publicamente disponíveis indicadores de sinistralidade laboral, uma vez que estes dados incluem normalmente toda a secção K. Este estudo caracteriza os acidentes de trabalho

em empresas de limpeza que operam no sector dos serviços, em locais como escritórios, pavilhões de feiras e espectáculo, museus, salas de exposições, edifícios públicos, hospitais, etc.. Assim, os resultados indicados neste estudo não são aplicáveis, por exemplo, a limpezas em unidades industriais, na construção civil ou na restauração. A sinistralidade foi caracterizada de acordo com a metodologia EEAT – Estatísticas Europeias de Acidentes de Trabalho (Comissão Europeia, 2001).

O texto inicia-se por uma caracterização sócio-profissional do sector da limpeza industrial (o nível de escolaridade, a rotação do pessoal e o absentismo), evidenciando alguns constrangimentos à implementação de acções para melhoria do desempenho e das condições de trabalho no sector. De seguida são apresentados resultados da aplicação da metodologia EEAT e identificadas acções prioritárias e recomendações para o controlo da sinistralidade. Nas conclusões são referidos outros aspectos do contexto de trabalho (como as características dos equipamentos de limpeza, as soluções arquitectónicas, as instalações de apoio à actividade de limpeza e a imagem do sector), que globalmente influenciam o nível de desempenho e as condições de segurança no sector.

O contexto sócio-profissional no sector das limpezas

De acordo com dados do Balanço Social 2003 (DGEEP, 2003; 2005), trata-se de uma população trabalhadora, com um nível muito baixo de escolaridade: mais de 7% não deverão saber ler e/ou escrever. Quase 80% terão apenas 4 anos de escolaridade. Nove em cada dez trabalhadores não têm a escolaridade obrigatória de 9 anos. Apenas 0,6% têm formação de nível superior. O peso, no emprego, dos profissionais sem qualificação é altíssimo (cerca de 94%), sendo proporcionalmente muito maior no género feminino.

A ligação dos trabalhadores às empresas é muito ténue, conforme se depreende da sua muito baixa antiguidade. Em finais de 31 de Dezembro de 2003, mais de um terço dos trabalhadores estavam há menos de um ano na actual empresa. Mais de 82% tinham uma antiguidade igual ou inferior a 5 anos. Esta situação é devida ao facto de ser alto o índice de rotação ou *turnover* do pessoal nestas empresas (0,69). Na realidade, o número de entradas e de saídas (a multiplicar por 2) representa mais de dois terços do somatório dos efectivos no início e no final do ano, denotando, por isso, maior instabilidade ou mobilidade da mão-de-obra (Graça e Cabeças, 2005). Uma das particularidades da gestão de recursos humanos neste ramo de actividade é a mobilidade do seu pessoal que transita legalmente de uma empresa para a outra, por força do CCT do sector (DGEEP, 2004).

De acordo com dados do Balanço Social 2003, o total de horas de ausência foi superior a 4 milhões de horas. Cada trabalhador deste ramo de actividade (7470 - CAE Rev. 2.1), perdeu em média 130 horas (cerca de 18 dias), devido a ausências, remuneradas e não remuneradas, das quais mais de 57% (74,6 horas) são ausências imputadas à doença e

José Miquel Cabeças
jmm-cabecas@fct.unl.pt
Doutor em Engenharia Industrial (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa), Portugal.
PhD in Industrial Engineering (Technology and Sciences Faculty of Universidade Nova de Lisboa), Portugal.

Ana Margarida Quinta
amq11054@students.fct.unl.pt
Mestre em Engenharia Industrial (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa), Portugal.
MSc in Industrial Engineering (Technology and Sciences Faculty of Universidade Nova de Lisboa), Portugal.

Ana Filipa Costa
anaf_costa@netcabo.pt
Licenciada em Engenharia Industrial (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa), Portugal.
Degree in Industrial Engineering (Technology and Sciences Faculty of Universidade Nova de Lisboa), Portugal.

Recebido em Abril de 2005 e aceite em Janeiro de 2006.
Received in April 2005 and accepted in January 2006.

O total de horas de ausência foi superior a 4 milhões de horas. Cada trabalhador deste ramo de actividade (7470 – CAE Rev. 2.1), perdeu em média 130 horas (cerca de 18 dias), devido a ausências, remuneradas e não remuneradas, das quais mais de 57% (74,6 horas) são ausências imputadas à doença e acidente. A taxa de absentismo geral anda pelos 10% e a taxa de absentismo específico (devido a doença e acidente) será da ordem dos 6%.

acidente. A taxa de absentismo geral anda pelos 10% e a taxa de absentismo específico (devido a doença e acidente) será da ordem dos 6% (Graça e Cabeças, 2005).

A realidade sócio-profissional neste sector de actividade influencia directamente os seus níveis de desempenho (em particular a produtividade) e as suas condições de segurança. Desta forma, as medidas de controlo a implementar no sector da limpeza industrial devem ter em conta a actual realidade sócio-profissional do sector.

As metodologias para registo dos dados

As metodologias para registo dos dados relativos a acidentes de trabalho incluem um conjunto de instrumentos, como sejam, recolha de dados, classificações e regras de codificação, para analisar as causas e circunstâncias dos acidentes de trabalho.

Estas metodologias dirigem-se e são interessantes para diferentes entidades públicas e privadas, nomeadamente:

- Instituições nacionais responsáveis pelo registo e tratamento das informações relativas aos acidentes de trabalho;
- Empresas de seguros e mútuas;
- Instituições nacionais para prevenção de acidentes e de doenças profissionais;
- Profissionais da área da Saúde e Segurança ocupacionais;
- Empresas e organizações dos sectores industriais e de serviços.

No aspecto particular das empresas e organizações, estas metodologias inserem-se nos procedimentos correntes de gestão da Saúde e Segurança do Trabalho (SST).

A análise da segurança e a análise de risco em sistemas de trabalho são requisitos correntes dos sistemas de gestão da Saúde e Segurança ocupacionais. O primeiro é um procedimento sistemático para identificar e avaliar os perigos e as condições de segurança, e o segundo um procedimento para identificar perigos e estimar o risco para pessoas, instalações ou ambiente (Ringdahl, 2001). Em ambos os procedimentos, o conhecimento da frequência, das causas e das consequências dos acidentes (e doenças profissionais) são essenciais à identificação dos perigos existentes no sistema em análise. Frequentemente são os níveis de frequência e de consequências dos acidentes que desencadeiam processos de análise da segurança e do risco (Kjellén, 2000; Reason, 1997).

A norma portuguesa NP 4397:2001 (adaptada das especificações OHSAS 18001:1999), contém requisitos de um sistema de gestão da SST, que permite a uma organização controlar os seus riscos para SST e melhorar o seu desempenho. O registo e análise de dados relativos a acidentes de trabalho é um requisito desta norma, constituindo esta prática uma importante fonte de informação para o desenvolvimento de acções relacionadas com a gestão da SST em empresas e organizações (Ferry, 1998), nomeadamente: medir reactivamente o desempenho da SST; fornecer informação para definição de estratégias de controlo da sinistralidade; comprovar a eficácia das acções correctivas e preventivas desenvolvidas na organização; analisar e investigar acidentes de trabalho; e avaliar os custos da sinistralidade.

Por outro lado, o controlo da sinistralidade laboral é um dos objectivos das 'empresas com responsabilidade social' (Zwetsloot, 2004; De Greef, 2004) contribuindo para o seu desempenho social, equilibrando as três preocupações de negócio que caracterizam estas organizações: desempenho financeiro – o lucro; desempenho social – a saúde e a segurança; e desempenho ambiental – o planeta.

A sinistralidade tem consequências directas na produtividade das empresas. São conhecidos diferentes modelos para avaliação dos 'custos da sinistralidade' integrando efeitos que podem ser facilmente expressos na forma de valor monetário com efeitos que dificilmente o podem ser, como por exemplo a imagem da empresa, o absentismo por sinistralidade e a rotação de pessoal devido a deficientes condições de trabalho (Hammer, 2001; Kjellén, 2000; Mossink, 2002).

A 16.ª Conferência Internacional do Trabalho da Organização Internacional do Trabalho (1998), reconhecendo que as estatísticas de lesões profissionais são indispensáveis ao estabelecimento de programas eficazes de prevenção de acidentes de trabalho, adoptou uma resolução relativamente às estatísticas de lesões profissionais. Esta resolução inclui terminologia e definições no contexto da sinistralidade laboral e estabelece uma classificação para os dados de sinistralidade. Algumas das propostas de classificação da OIT são baseadas no projecto EEAT (OIT, 1998).

Em 1990 iniciou-se um projecto referente à harmonização das Estatísticas Europeias de Acidentes de Trabalho (EEAT) sob a coordenação conjunta da Unidade E3 do *Eurostat* e da Unidade D/5 da Direcção-Geral do Emprego e Assuntos Sociais (DG EMPL), para elaborar a metodologia de recolha de dados comparáveis na União Europeia. Estes trabalhos têm por objectivo harmonizar as metodologias e os critérios que devem ser aplicados ao registo dos dados sobre acidentes de trabalho (Comissão Europeia, 2001).

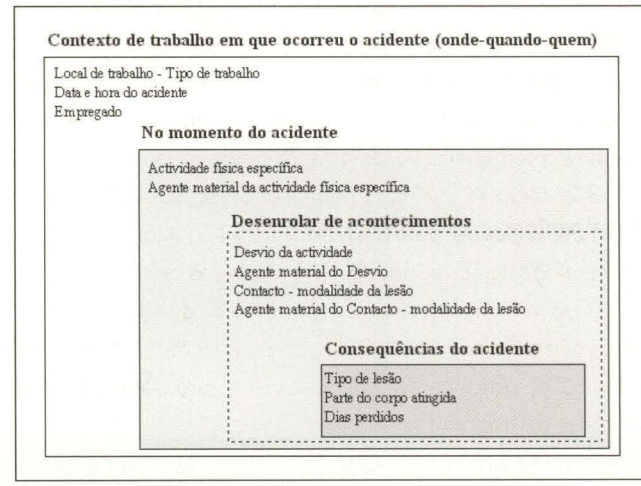
A Fase III desta metodologia está actualmente a ser implementada em 15 Estados Membros da União Europeia, incluindo Portugal. A metodologia de aplicação das Estatísticas Europeias de Acidentes de Trabalho (EEAT) foi publicada em 2001 e, no respeitante ao registo das causas e das circunstâncias dos acidentes de trabalho, comporta três níveis ou sequências: as circunstâncias imediatamente antes do acidente, abrangendo três variáveis – tipo de local, tipo de trabalho e actividade física específica; o desvio, última ocorrência «constituindo um desvio da normalidade» que conduziu ao acidente, ocorrido nas circunstâncias indicadas no nível anterior; o contacto - modalidade da lesão que é o acto de lesão propriamente dito consecutivo ao desvio indicado no nível precedente.

O sistema associa a cada um destes três níveis um agente material ligado a cada uma das acções correspondentes: à actividade física específica, ao desvio e ao contacto – modalidade da lesão.

A metodologia EEAT contempla três grupos de informação para codificar um acidente de trabalho **(ver Figura 1)**:

- informação que indique onde e quando o acidente se produziu e identifique o sinistrado – profissão, situação profissional, sexo, idade, nacionalidade do sinistrado, data e hora, tipo de local, posto de trabalho e tipo de trabalho;
- informação que indique como se produziu o acidente, as circunstâncias nas quais este se produziu, e como se produziram as lesões; trata-se do acontecimento dividido em três sequências – actividade física específica, desvio, contacto (modalidade da lesão e agentes materiais associados);
- informação relativa à natureza e gravidade das lesões e às consequências do acidente – parte do corpo lesionada, tipo de lesão e número de dias perdidos.

Figura 1
Informações previstas na metodologia EEAT para caracterização dos acidentes de trabalho



Aplicação da metodologia EEAT

Considerando os dados existentes no Balanço Social 2003 de 40 empresas de limpeza com mais de 100 trabalhadores (DGEEP, 2005) (representando uma amostra de 73% dos empregados de limpeza), o número total de acidentes com ou sem baixa, nas empresas deste ramo de actividade (n=33), ultrapassou o milhar (1 110), sendo 6,5% do total respeitante a acidentes de trajecto. A taxa de incidência de acidentes de trabalho foi de 3 580 (multiplicada por 100 000).

Os acidentes de trabalho foram caracterizados pela análise de 927 boletins de participação às seguradoras (PT 137/94), relativos ao período 2001-2003, de três grandes empresas de limpeza empregando cerca de 10% do número de trabalhadores de limpeza em Portugal (Dun & Bradstreet,

2004; INE, 2003). O número de participações analisadas é referente a acidentes com ou sem baixa, correspondentes à sinistralidade nos hospitais e nos serviços em geral, como sejam museus e edifícios públicos administrativos.

- **Caracterização dos sinistrados**

O perfil do sinistrado-tipo corresponde ao seguinte:

- é do género feminino (Fem. = 83,6%; Masc. = 15,5%; Desc. = 0,9%);
- tem idade de 41,5 anos (Méd. = 41,5; Máx. = 75; Min. = 17; SD = 11,7 anos);
- é trabalhadora por conta de outrem (49,0% por conta de outrem; 47,7% desconhecidos);
- pratica horário normal de trabalho (37,9% praticam horário normal; 8,0% praticam horário por turno fixo e 46,9% são desconhecidos);
- o acidente ocorre 19,7 meses após a admissão na empresa (Méd. = 19,7; Máx. = 256,4; Min. = 0; SD = 25,3 meses);
- aufere a remuneração de 453,2€ a tempo inteiro (Méd. = 453,2; Máx. = 2.123,9; Min. = 127,5; SD = 127,5€) e 211,7€ a tempo parcial (Méd. = 211,7; Máx. = 332,8; Min. = 32,1; SD = 56,1€).

- **Causas de acidente**

O desvio na actividade e o agente material do desvio caracterizam as causas do acidente. O desvio na actividade corresponde ao último acontecimento, desviado do normal, que conduziu ao acidente. Trata-se da descrição do que sucedeu de anormal no momento do acidente **(ver Quadro I)**.

Cerca de 24% dos acidentes ocorreram por escorregamento com queda – ao nível do solo. Cerca de 6,0% dos acidentes com estas características ocorreram sem qualquer agente material associado à actividade física específica, ou seja, o operador deslocava-se, caminhava, descia, subia, etc..

Em 18,0% dos acidentes o desvio da actividade ocorreu por movimentos não coordenados, gestos intempestivos, inoportunos. Este desvio não se encontra associado a qualquer agente material do desvio.

Cerca de 10,0% dos acidentes ocorrem por queda de pessoas – do alto. As quedas de escadas ocorrem em 7,0% dos acidentes e as quedas de escadas móveis (escadotes e escadas extensíveis) em 1,5% dos acidentes.

Cerca de 7,2% dos acidentes ocorrem caminhando pesadamente, passo em falso, escorregamento – sem

Quadro I
Síntese do desvio da actividade

Código EEAT	Variável: Desvio	Serviços gerais % Acidentes (n=748)	Hospitais % Acidentes (n=179)
00	Nenhuma informação	9,1	1,1
22	Em estado líquido – fuga, ressumação, escoamento, salpico, aspersão	4,4	2,2
44	Perda, total ou parcial, de controlo – de objecto (carregado, deslocado, manipulado, etc.)	6,6	3,9
51	Queda de pessoa – do alto	10,3	8,9
52	Escorregamento ou hesitação com queda, queda de pessoa – ao mesmo nível	25,0	20,7
64	Movimentos não coordenados, gestos intempestivos, inoportunos	14,0	34,6
71	Levantando, carregando, levantando-se	5,9	4,5
75	Caminhando pesadamente, passo em falso, escorregamento – sem queda	6,7	9,5
	Total	**82,0**	**85,4**

queda. O pé representa a parte do corpo atingida em 5,6% deste tipo de acidentes, tendo entorses e distensões ocorrido em 3,9% destes acidentes.

Em 5,6% dos acidentes, o desvio na actividade ocorreu por levantando, carregando, levantando-se. Para os serviços gerais, a movimentação de sacos do lixo é responsável por 3,7% dos acidentes (nos hospitais, a movimentação de baldes de água é responsável por 2,2% desta classe de acidentes). Este desvio na actividade é associado a uma predominância de lesões do tipo deslocações e subluxações e entorses e distensões.

Aproximadamente em 6,1% dos acidentes, o desvio na actividade ocorreu por perda, total ou parcial, de controlo – de objecto (carregado, deslocado, manipulado, etc.). Este desvio de actividade está relacionado com caiu em cima..., deixou cair e foi bater em..., cortou..., entalou..., bateu-lhe..., etc., encontrando-se associado a uma diversidade de agentes materiais do desvio.

- **O contacto – modalidade da lesão**

O contacto – modalidade da lesão caracteriza o contacto que lesionou o sinistrado. Trata-se daquilo que descreve o modo como a vítima foi lesionada (fisicamente ou por choque psicológico) pelo agente material que provocou essa mesma lesão **(ver Quadro II)**.

O contacto – modalidade da lesão por movimento vertical, esmagamento sobre, contra (resultado de queda) ocorreu em 35,7% dos acidentes. Cerca de 34% dos acidentes são causados por quedas do alto ou ao mesmo nível.

O contacto – modalidade da lesão por constrangimento físico – sobre o sistema músculo-esquelético ocorreu em 17,6% dos acidentes. Nesta forma de contacto estão incluídos predominantemente os desvios nas actividades com os códigos 70 (movimento do corpo sujeito a constrangimento físico, conduzindo geralmente a lesão interna – não especificado), 71 (levantando, carregando, levantando-se), 72 (empurrando, puxando), 73 (depondo, baixando-se), 74 (em torção, em rotação, virando-se) e 75 (caminhando pesadamente, passo em falso, escorregamento – sem queda).

O contacto – modalidade da lesão por contacto com agente material afiado (prego, ferramenta afiada) verificou-se em 25,1% dos acidentes nos hospitais. O agente material deste contacto foi exclusivamente o código 06.14 (ferramentas manuais não motorizadas – para trabalhos médicos e cirúrgicos – para furar, cortantes), mais concretamente agulhas.

O contacto – modalidade da lesão por movimento horizontal, esmagamento sobre, contra verificou-se em 7,0% dos acidentes. Este contacto inclui os acidentes associados a bateu em..., foi contra..., envolvendo uma variedade de agentes materiais de contacto.

Quadro II
Síntese do contacto – modalidade da lesão

Código EEAT	Variável: Contacto – Modalidade da lesão	Serviços gerais % Acidentes (n=748)	Hospitais % Acidentes (n=179)
00	Nenhuma informação	8,0	1,1
31	Movimento vertical, esmagamento sobre, contra (resultado de queda)	37,3	29,1
32	Movimento horizontal, esmagamento sobre, contra	7,5	5,0
42	Pancada – por objecto que cai	5,5	3,4
51	Contacto com agente material cortante (faca, lâmina)	5,7	5,6
52	Contacto com agente material afiado (prego, ferramenta afiada)	1,2	25,1
71	Constrangimento físico – sobre o sistema músculo-esquelético	17,0	20,1
	Total	**82,2**	**89,4**

O contacto – modalidade da lesão por pancada – por objecto que cai ocorreu em 5,5% dos acidentes nos serviços gerais. Nesta forma de contacto estão incluídas circunstâncias de acidentes como caiu-lhe uma palete sobre... ou caiu em cima do pé..., tombou e caiu em cima de... As partes do corpo atingidas mais referenciadas neste tipo de contacto são os pés e dedos dos pés (2,0% nos serviços gerais e 1,1% nos hospitais), a cabeça (0,9% nos serviços gerais e 0,6% nos hospitais) e mãos e dedos (0,8% nos serviços gerais).

O contacto – modalidade de lesão por contacto com agente material cortante (faca, lâmina) ocorreu em 5,7% dos acidentes. Os agentes materiais do contacto mais frequentes foram partículas, poeiras, estilhaços, pedaços, lascas e outros elementos destruídos. Os vidros foram responsáveis por cortes em 2,1% dos acidentes. As ferramentas manuais não motorizadas – para raspar, lustrar, polir (código 06.04) provocaram cortes em 0,9% dos acidentes. A 'palha de aço' foi o agente mais referenciado, seguido de raspadeiras com lâmina e os arames. As feridas abertas foram o tipo de lesão referenciado neste contacto. As mãos e dedos foram as partes do corpo atingidas em 3,5% dos acidentes nos serviços gerais e por 5,0% dos acidentes nos hospitais.

- **Natureza e gravidade das lesões e consequências do acidente**

A variável tipo de lesão descreve as consequências físicas para o sinistrado, como por exemplo fractura ou ferimentos. Foi utilizada a classificação EEAT de três dígitos para caracterizar o tipo de lesão **(ver Quadro III)**:

Da observação destes resultados constatou-se que em 33,6% dos boletins de participação à seguradora não constavam informações relativas ao tipo de lesão sofrido pelo sinistrado.

As feridas abertas ocorreram em 14,2% dos acidentes. As partes do corpo atingidas por esta lesão foram as mãos e dedos (em 5,2% dos acidentes nos serviços gerais e em 15,1% dos acidentes nos hospitais) e a cabeça (em 2,0% dos acidentes nos serviços gerais e em 3,4% dos acidentes nos hospitais).

As entorses e distensões ocorreram em 12,5% dos acidentes. Ocorreram principalmente nos pés, em 7,1% dos acidentes. As circunstâncias destes acidentes envolvem 'mau jeito' e 'torcer devido a quedas e escorregadelas'. As pernas, incluindo os joelhos, sofreram entorses e distensões em 1,6% dos acidentes nos serviços gerais.

As deslocações e subluxações ocorreram em 6,9% dos acidentes. A região das costas foi globalmente atingida por

Quadro III
Síntese do tipo de lesão

Código EEAT	Variável: Tipo de lesão	Serviços gerais % Acidentes (n=748)	Hospitais % Acidentes (n=179)
000	Tipo de lesão, desconhecido ou não especificado	36,4	21,7
011	Lesões superficiais	12,0	13,3
012	Feridas abertas	12,2	22,8
021	Fracturas simples ou fechadas	7,1	4,4
031	Deslocações e subluxações	5,0	15,0
032	Entorses e distensões	13,0	10,6
050	Concussões e lesões internas	4,2	1,1
052	Lesões internas	2,4	3,3
062	Queimaduras químicas (corrosões)	2,9	2,8
	Total	**95,2**	**95,0**

deslocações e subluxações em cerca de 2% dos acidentes. O contacto responsável pelas deslocações e subluxações são as quedas de costas e o constrangimento físico sobre o sistema músculo-esquelético ('maus jeitos nas costas' com origem na deficiente movimentação de objectos).

As queimaduras químicas provocadas pelo contacto com matérias cáusticas ou corrosivas, referenciadas como tal nos boletins de participação às seguradoras, são responsáveis por 2,9% dos acidentes. De uma maneira geral, cerca de 5% dos acidentes resultaram de contacto com matérias cáusticas ou corrosivas, incluindo intoxicações, inflamações e lesões não diagnosticadas.

A parte do corpo atingida pelo acidente descreve a parte do corpo que sofreu a lesão **(ver Quadro IV)**.

O pé é uma parte do corpo particularmente atingida pelos acidentes (13,6% dos acidentes). Entorses e distensões são as lesões mais frequentes no pé, ocorrendo em 7,1% dos acidentes.

A perna, incluindo joelho, foi globalmente atingida em 10,4% dos acidentes. Lesões superficiais e feridas abertas na perna, incluindo joelho, ocorrem em 3,0% dos acidentes. Nos hospitais, estas lesões na perna e joelho são devidas a picadas com agulhas durante a movimentação do lixo, ocorrendo em 2,8% dos acidentes. Cortes nas pernas e quedas embatendo com os joelhos são as circunstâncias mais frequentes de acidentes com lesões nas regiões da perna e joelho nos serviços gerais, ocorrendo em 3,0% dos acidentes nestes serviços.

O(s) dedo(s) da mão é (são) atingido(s) em 9,3% dos acidentes. Nos hospitais, os dedos são atingidos em 24,5% dos acidentes; cerca de 17,3% dos acidentes atingindo os dedos são devidos a picadas com agulhas, durante as tarefas de limpeza ou de recolha do lixo.

A região das costas é atingida em 8,6% dos acidentes. A região das costas é atingida devido a escorregamento e queda durante o trabalho normal de limpezas com ferramenta de mão em 2,9% dos acidentes. O transporte de objecto e sacos do lixo é a actividade física específica donde resultaram 1,6% dos acidentes ('um jeito nas costas'). Cerca de 1,0% dos acidentes atingem a região das costas em resultado de queda durante a descida de escadas.

Quadro IV
Síntese da parte do corpo atingida

Código EEAT	Variável: Parte do corpo atingida	Serviços gerais % Acidentes (n=748)	Hospitais % Acidentes (n=179)
00	Parte do corpo atingida, outra ou não especificado	9,9	5,2
10	Cabeça, não especificado	5,3	6,3
13	Olho(s)	4,3	2,1
31	Costas incluindo espinha e vértebras	8,8	7,8
51	Ombro e respectivas articulações	3,6	6,8
52	Braço, incluindo cotovelo	7,7	4,2
53	Mão	8,0	7,8
54	Dedo(s)	5,7	24,5
55	Pulso	3,1	0,5
62	Perna, incluindo joelho	11,2	6,8
64	Pé	13,4	14,6
99	Outras partes do corpo atingidas, não especificadas	3,1	7,8
	Total	**84,1**	**94,4**

Acções prioritárias e recomendações

Os dados referentes às causas, circunstâncias e consequências dos acidentes fornecem informações relevantes para o estabelecimento de planos de acção para o controlo da sinistralidade. No caso específico do sector das limpezas industriais, e atendendo em particular ao desvio da actividade **(ver Quadro I, p. 66)**, as acções de controlo por parte das empresas e instituições devem ser dirigidas prioritariamente para as seguintes causas dos acidentes:

1.º Escorregamento ou hesitação com queda, queda de pessoa – ao mesmo nível. Tratam-se fundamentalmente de escorregadelas e tropeções;

2.º Movimentos não coordenados, gestos intempestivos, inoportunos. Destes acidentes resultam fundamentalmente lesões superficiais e feridas abertas, em acidentes cujas circunstâncias incluem «entalou...», «bateu com...», «deu uma pancada em...», «fez um corte com vidros...», «picou-se numa agulha...», «passou com a mão numa aresta e cortou-se...», «ao pegar no saco do lixo cortou-se...», etc.; estes acidentes resultam de perigos que existem nas instalações do cliente e nos processos e métodos de trabalho, tanto dos empregados de limpeza como dos próprios clientes;

3.º Queda de pessoa – do alto. Tratam-se de quedas em escadas/escadotes, por tropeção ou escorregadela, na subida ou descida, no transporte de objectos, durante simples deslocações, ou durante operações de limpeza de escadas;

4.º Caminhando pesadamente, passo em falso, escorregamento – sem queda. As consequências foram essencialmente entorses e distensões no pé;

5.º Perda, total ou parcial, de controlo – de objecto (carregado, deslocado, manipulado, etc.);

6.º Utilização de matérias – cáusticas, corrosivas (sólidas, líquidas ou gasosas). Tratam-se de acidentes envolvendo a utilização de agentes químicos perigosos.

Podem ser definidas diferentes acções nas empresas e instituições para controlo da sinistralidade neste sector de actividade. Existem grupos de acções de controlo que normalmente são implementadas ao nível técnico e operacional e outras acções que são implementadas ao nível administrativo ou de gestão:

- acções técnicas (ou de engenharia);
- acções organizacionais (ou de gestão);
- acções envolvendo os métodos e procedimentos de trabalho; e
- acções envolvendo a utilização de equipamento de protecção individual (EPI).

A responsabilidade da organização da segurança, da formação, informação, consulta e representatividade para com os trabalhadores de limpeza (art.º 275-278 L 99/03), cabe à própria empresa de limpezas, devendo, contudo, a empresa cliente cooperar no sentido da protecção da segurança e da saúde dos empregados de limpeza, quando as actividades se desenvolvem nas suas instalações.

A literatura da especialidade refere extensivamente uma diversidade de acções ao nível técnico, dos métodos e procedimentos e ao nível dos EPI, para controlo da saúde e segurança no sector das limpezas. Veja-se, por exemplo, o manual *Health & Safety in the Office Cleaning Sector* (UNI, 2000), publicado pela UNI-Europa (Union Network International) e FENI (European Federation of Cleaning Industries) com o financiamento da Comissão Europeia. O facto das actividades de limpeza ocorrerem nas instalações do cliente, requer medidas de prevenção organizacional ou de gestão particularmente adaptadas a este sector de actividade. Efectivamente, aos riscos inerentes à actividade de limpeza, acrescem os riscos relacionados com a própria actividade do cliente.

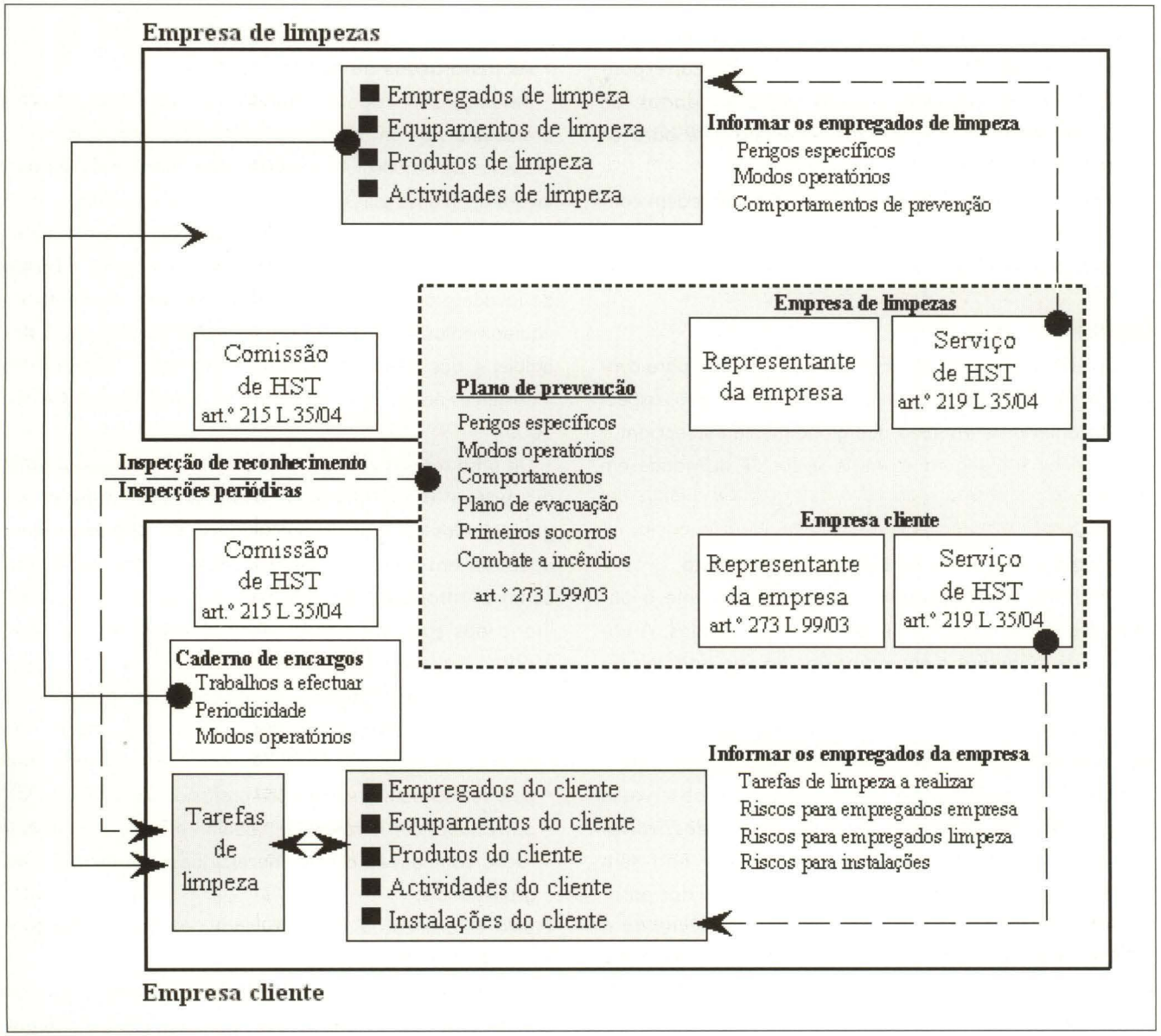
A responsabilidade da organização da segurança, da formação, informação, consulta e representatividade para com os trabalhadores de limpeza (art.º 275-278 L 99/03), cabe à própria empresa de limpezas, devendo, contudo, a empresa cliente cooperar no sentido da protecção da segurança e da saúde dos empregados de limpeza, quando as actividades se desenvolvem nas suas instalações (art.º 273 L 99/03). Neste sentido, salientam-se as seguintes medidas de controlo organizacionais ou de gestão, orientadas para a interacção entre as actividades

da empresa de limpezas e as actividades da empresa cliente **(ver Figura 2)**:

- A empresa cliente deve constituir um 'caderno de encargos', definindo os trabalhos de limpeza a efectuar, periodicidade e os correspondentes modos operatórios, particularmente para tarefas com risco para as instalações e para a saúde e segurança dos empregados de limpeza e dos empregados da própria empresa;
- Deve ser efectuado um 'reconhecimento conjunto' aos riscos, modos operatórios e produtos de limpeza a utilizar na empresa cliente, pelos representantes de ambas as empresas (podendo incluir técnicos de segurança);

Figura 2

Interacção empresa de limpeza – empresa cliente, com vista à prevenção da sinistralidade e doenças profissionais



- Numa 'reunião de trabalho' são definidos os modos operatórios de limpeza, procedimentos de segurança a adoptar, as regras de circulação, separação de resíduos e comportamentos em caso de emergência. É redigido um 'plano de prevenção' e assinado por ambas as empresas;
- Antes do início das actividades de limpeza, a empresa de limpeza deve 'transmitir aos trabalhadores' quais os perigos específicos em cada operação e as medidas e comportamentos de prevenção a adoptar, especificando o conteúdo do plano de prevenção. A empresa cliente transmite também aos seus empregados as tarefas de limpeza que serão realizadas e os correspondentes riscos associados (para os empregados de limpeza, para os empregados da empresa e para as instalações);
- A empresa cliente ou a empresa de limpeza podem convocar 'inspecções ou reuniões periódicas' e corrigir o plano de prevenção.

Conclusões

Para além das acções técnicas e organizacionais para controlo da sinistralidade, podem ser enumerados outros aspectos do contexto de trabalho que globalmente influenciam o desempenho e a segurança neste sector de actividade em Portugal.

- **Os equipamentos e as técnicas de limpeza**

As actividades de limpeza recorrem fortemente à utilização de ferramentas manuais não motorizadas. A utilização de máquinas e equipamentos do tipo portáteis ou móveis podem reduzir a penosidade de algumas actividades de limpeza e aumentar a produtividade do trabalho. Muito embora as máquinas monodisco sejam comuns em algumas actividades de limpeza, observa-se que equipamentos como aspiradores de líquidos, varredouras-aspiradoras e lavadoras-aspiradoras não têm ainda uma forte utilização. As limpezas ao nível das paredes e tectos são frequentemente realizadas recorrendo a escadas móveis, podendo as mesas e plataformas elevatórias melhorar a sua produtividade e condições de segurança.

- **O comportamento dos utilizadores e as soluções arquitectónicas**

O comportamento dos utilizadores dos espaços e as soluções arquitectónicas nos edifícios fechados podem contribuir para uma melhoria substancial nas condições de trabalho destes profissionais. De uma maneira geral, a necessidade de limpar e higienizar os espaços fechados deve ser considerada na fase de concepção destes espaços, para que as soluções arquitectónicas não criem barreiras à adopção de procedimentos de limpeza eficientes e seguros.

- **As instalações de apoio**

Instalações de apoio condignas e funcionais para os profissionais de limpeza são muitas vezes 'esquecidas' nos projectos de arquitectura e de engenharia (mesmo em instalações de intensa utilização pública). Detalhes técnicos como meios de renovação de ar nas instalações de apoio, instalações sanitárias próprias, água corrente, esgotos e bacias de lavagem ao nível do solo (para lavagem dos diferentes equipamentos de limpeza, para enchimento e drenagem dos baldes e dos reservatórios das máquinas de limpeza) são inexistentes em muitas instalações de apoio (Cabeças *et al.*, 2005).

De uma maneira geral, o sector das limpezas industriais possui uma deficiente imagem pelo público em geral, pelos actuais trabalhadores do sector ou com interesse em entrar no sector, podendo este facto dificultar a introdução de medidas de controlo para a melhoria das suas condições gerais de trabalho (Pye Tait, 1999).

A alteração da imagem e a introdução de melhorias ao nível da produtividade passa muito pela criação de condições de atractividade no sector:

- pela formação e qualificações profissionais;
- por estabelecer horários de trabalho e níveis de remuneração compatíveis com as necessidades sociais dos seus profissionais;
- pela diversificação das actividades profissionais e pela rotação entre funções;
- pela diminuição da penosidade física associada a algumas tarefas de limpeza (como por exemplo as limpezas

fim de obra na construção civil);

- também pela entrada de pessoal do género masculino para este sector de actividade (a percentagem de trabalhadores do género feminino - 92%, é largamente superior aos valores encontrados nos restantes países europeus – média de 75% em 1999; o maior desenvolvimento estaturo-ponderal cria menor risco para a saúde e segurança durante a realização de tarefas fisicamente mais exigentes). ■

Referências bibliográficas

CABEÇAS, J. M.; GRAÇA, L.; MENDES, M.; e GONÇALVES, M. (2005), «Condições de trabalho de empregados de limpeza em instalações de serviços». Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Relatório de projecto. ISHST – Instituto para a Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho.

COMISSÃO EUROPEIA (2001), Estatísticas Europeias de Acidentes de Trabalho EEAT – Metodologia, edição de 2001. Na Web em: http://europa.eu.int/comm/employment_social/news/2002/apr/1130_pt.pdf .

DE GREEF, M. e VAN DEN BROEK, K. (2004), «Quality of the Working Environment and Productivity». European Agency for Safety and Health at Work, Bilbau.

DUN & BRADSTREET PORTUGAL LDA. (2004), Base de Dados de Serviços de Limpezas de Edifícios (código SIC). Lisboa.

FERRY, TED S. (1988), **Modern Accident Investigation and Analysis**. John Wiley & Sons, Nova Iorque.

GRAÇA, L. e CABEÇAS, J. M. (2005), «O ramo de actividade de limpezas industriais: alguns indicadores sociolaborais» (2003). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Relatório não publicado, no âmbito do projecto ISHST 050/APJ03.

HAMMER, W. e PRICE, D. (2001), **Occupational Safety Management and Engineering**. Prentice Hall, Nova Jersey.

HARMS-RINGDAHL, L. (2001), **Principles and Practice in Occupational Safety**. Taylor & Francis, Londres.

KJELLÉN, U. (2000), **Prevention of Accidents through Experience Feedback**. Taylor & Francis, Londres.

MOSSINK, J. e DE GREEF, M. (2002), «Inventory of socioeconomic costs of work accidents». European Agency for Safety and Health at Work, Bilbau.

NP 4397. 2001, «Sistemas de gestão da segurança e saúde do trabalho - Especificações». IPQ, Lisboa.

OHSAS 18001.1999, «Occupational Health and Safety Management Systems-Specifications». BSI Management Systems.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (1998), «Estadísticas de lesiones profesionales», Decimosexta Conferencia Internacional de Estadísticas del Trabajo, Genebra. Na web em: http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/download/16thicls/report3.pdf.

PORTUGAL. DGEEP – DIRECÇÃO-GERAL DE ESTUDOS, ESTATÍSTICA E PLANEAMENTO (2004), Contrato Colectivo de Trabalho entre a Associação das Empresas de Prestação de Serviços de Limpeza e Actividades Similares (AEPSLAS) e o STAD - Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza, Domésticas e Actividades Diversas e outros – Alteração salarial e outras e texto consolidado. Boletim do Trabalho e Emprego, vol. 71, n.º 12, 1ª série de 27 de Março de 2004. Na Web em: http://www.deep.msst.gov.pt/edicoes/bte/.

PORTUGAL. DGEEP – DIRECÇÃO-GERAL DE ESTUDOS, ESTATÍSTICA E PLANEAMENTO (2005), Dados estatísticos do Balanço Social das empresas CAE 747 - Actividades de limpeza industrial, relativos ao ano 2003. Lisboa.

PORTUGAL. INE – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2003), Estatísticas Gerais; Anuário Estatístico de Portugal 2003; Empresas, pessoal ao serviço e volume de negócios, por grupo de actividade económica; Actividades Imobiliárias, Alugueres e Serviços Prestados às Empresas. Lisboa.

PYE TAIT (1999), Relatório para a FENI e a Euro-FIET relativo a um inquérito para analisar as principais questões do sector da limpeza industrial na Europa. UNI - Union Network International, Suíça.

REASON, J. (1997), **Managing the Risks of Organizational Accidents**. Ashgate Publishing Limited, Aldershot, Reino Unido.

UNI – UNION NETWORK INTERNATIONAL (2000), Health and safety in the office cleaning sector – European manual for employees. UNI – Union Network International. Na web em: http://www.union-network.org/UNIsite/Sectors/Property_Services/Cleaning/CleaningManual.htm.

ZWETSLOOT, G. e STARREN, A. (2004), **Corporate Social Responsibility and Safety and Health at Work**. European Agency for Safety and Health at Work, Bilbau.